

ESTUDOS SOBRE AQUISIÇÃO DE PRIMEIRA LÍNGUA

Aniela Improta França¹

Organizadora

Como professora do Departamento de Linguística da Faculdade de Letras da UFRJ, venho ministrando o curso *Linguística I* já há mais de uma década. Semestre após semestre vejo um fenômeno interessante acontecer com os alunos. O curso de introdução à Linguística vai bem, com uns alunos mais ligados do que outros, quando estudamos os gramáticos precursores da linguística, a fundação da disciplina com o estruturalismo e as principais ideias e correntes linguísticas a partir daí. Até que o programa chega no tópico de aquisição de primeira língua. Nesse momento, invariavelmente, a turma se contamina de uma efervecência neurofisiológica diferente. O assunto se torna comida para cérebros ávidos por responder à pergunta fundamental da linguística: Como o bebê adquire L1 de forma tão espetacular, em tão pouco tempo de vida, e tão sem esforço, especialmente quando se compara com o esforço para adquirir L2?

Depois logo se engajam em outras perguntas: Como os bebês segmentam as palavras nas frases? O que compreendem dos verbos psicológicos, negação, quantificadores? Tem teoria da mente? Podem aprender mais de uma língua simultaneamente? Vejo esse como o momento de plantio do curso, em que posso depositar sementes linguísticas nos corações e cabeças dos alunos, alguns dos quais, mais tarde, efetivamente se encaminham para o mestrado e doutorado na área. Os artigos desta edição todos sofrem esse viés positivo por tratarem do assunto mais instigante da linguística. Todos versam sobre a aquisição de primeira língua, constituindo uma seleção bastante diversa enfocando aspectos linguísticos, psicológicos e das interfaces.

O volume começa com uma entrevista da grande linguista, hoje com 89 anos vívidos e lúcidos,

¹ Doutora em Linguística, professora do Departamento de Linguística da UFRJ. Pesquisadora CNPq e Capes. E-mail: aniela@letras.ufrj.br.

Lila Gleitman. Lila é exemplo da magia do tópico *Aquisição de Linguagem*. Na mocidade, tinha o desejo de ser filóloga. Queria aprender grego e latim. Foi fazer isso na Universidade da Pensilvânia, onde hoje atua como professora emérita de psicologia e linguística. Ao começar a estudar, logo percebeu a dificuldade de aprender uma língua na idade adulta. Isso a fez refletir sobre a tarefa da aquisição por bebês, o que acabou por definir sua trajetória profissional no campo de aquisição de linguagem. Lila transitou durante toda vida entre a psicologia e a linguística e atingiu renome internacional em psicolinguística do desenvolvimento.

Certamente, o *bootstrapping* Sintático, sua contribuição mais significativa, mudou toda a grande área de desenvolvimento linguístico: “uma série de passos sobrepostos através dos quais os bebês se mobilizam, com o propósito de representar as formas lexicais e as estruturas de sua língua, um processo de aprendizado probabilístico, dotado de múltiplas facetas” (GLEITMAN *et al* 2005:24).

Lila está sendo entrevistada para a Revista Linguística por dois brasileiros, Victor Gomes e Alex de Carvalho, respectivamente Gerente de Laboratório e Pós-doc do Professor John Trueswell na U.Penn. Alex, por sinal, egresso da Letras da UFRJ e IC no meu laboratório, fez mestrado e doutorado na França com Anne Christophe e hoje acaba de ser contratado como professor efetivo do Instituto de Psicologia da University of Paris Descartes, France (Paris V) no campo de psicologia educacional e desenvolvimentista com foco em processos cognitivos. Para quem se interessa por aquisição, a entrevista é imperdível.

No início dos estudos sobre aquisição, as palavras gramaticais como determinantes, verbos, auxiliares e preposições eram considerados marginais para os estágios iniciais do desenvolvimento sintático. Contudo, desde os artigos de Rushen Shi e colegas, por volta de 2000, (SHI *et al* 1998, 2006 a, b, c, 2008) que tratam da percepção de morfemas funcionais por crianças ainda no estágio pré-verbal, a ideia da incipiência dos morfemas formais foi alterada radicalmente. Ultimamente muitos autores têm concordado com os argumentos do grupo de Shi, de que as palavras gramaticais ou palavras funcionais têm mesmo papel preponderante no desenvolvimento da interface sintaxe-semântica, além de serem as mais frequentes.

Os primeiros 4 artigos nesse volume têm como tema os morfemas funcionais e o trânsito deles pelas interfaces. O primeiro, *Aquisição da linguagem e variação linguística em diálogo: investigando a produção e a compreensão da flexão verbal de terceira pessoa do plural no PB* foi produzido por pesquisadoras (Molina, Marcilese e Name) oriundas de um *baby lab* muito produtivo em aquisição de linguagem no Brasil: o NEALP da Universidade Federal de Juiz de fora, coordenado pela Professora

Cristina Name. O artigo traz informações cruciais, especialmente para esse momento de perplexidade sócio-política que estamos enfrentando no Brasil. O que reportam serve para melhor compreendermos a realidade linguística desse país múltiplo e para desmistificarmos tentativas espúrias de fazer valer padrões hegemônicos. No artigo, a variação na marcação morfofonológica de plural – a redundante e a não redundante – é encontrada, ou deveria ser *são encontradas(?)*, a partir dos três anos de idade nas crianças. Porém, o resultado alvissareiro é o de que mesmo as crianças que são mais expostas à variação, apresentam desempenho em tarefa de compreensão semelhante ao de crianças coetâneas falantes de outras línguas em que não há variação.

Aquisição de estruturas possessivas: posse inalienável e quantificadores no português brasileiro por Fernanda Mendes (UNICAMP) é uma versão criativa e aprofundada da análise que a autora fez em sua tese de doutorado sobre a aquisição de estruturas de posse inalienável em português brasileiro em comparação com as do inglês americano. Nessa oportunidade a autora se foca no português, indo a fundo nas peculiaridades sintático-semânticas complexas que merecem ser exploradas com o nível de detalhe que ela dedicou. Da análise surgem interessantes conclusões sobre parâmetros do português em relação a estruturas inalienáveis quantificadas em contraste com estruturas inalienáveis não-quantificadas, imbricadas a determinante definido ou a pronomes possessivos, produzindo um quadro complexo ora com leitura alienável ora inalienável.

Indo na direção da interface sintaxe-semântica, o mapeamento dos locais de integração de informações entre módulos de linguagem e / ou domínios cognitivos externos - torna-se um campo de estudos cada vez mais proeminente. Aqui serão publicados dois estudos que olham para a aquisição do nó de aspecto no português e como ele se estrutura na arquitetura da linguagem.

Aquisição da linguagem e composicionalidade aspectual por Gisely Gonçalves de Castro (PUC-MG) e Arabie Bezri Hermont (PUC-MG), além de apresentar uma revisão cuidadosa e muito útil da área, apresenta os resultados de um experimento que contribui com mais informações sobre a relação entre o aspecto gramatical e o aspecto semântico na aquisição da linguagem.

A aquisição da morfologia verbal no PB e a categoria de aspecto, de Thais da Silveira Neves Araújo (Vernáculos, UFRJ), relata pesquisa longitudinal, composta por estudo de caso em que foram gravados trechos de fala espontânea de uma criança acompanhada por quase 1 ano, a partir de seus 18 meses. Os dados foram analisados à luz da proposta da composicionalidade aspectual de Verkuyl (2005). É um estudo que revisa todos os quadros mais relevantes do tratamento do aspecto, desde classificações tipológicas, como a de Comrie, até chegar na hipótese de Verkuyl (2005), entretida

também pela autora, de que o processo de composição aspectual seria resultado do processo de concatenação entre traços do verbo e traços dos argumentos, ou seja o aspecto seria alçando composicionalmente.

Apesar de nas últimas décadas ter havido um grande aumento de interesse no mundo sobre estudos computacionais, relacionando as pistas estatísticas que servem como apoio para a aquisição de linguagem por bebês, os estudos de modelagem computacional, especialmente em aquisição de linguagem, são ainda bastante raros no Brasil. Nesse número da Revista Linguística estamos felizes por essa área se fazer representar através do estudo *A aprendizagem distribucional no português brasileiro: um estudo computacional*, por Pablo Picasso Feliciano de Faria e Giulia Osaka Ohashi da UNICAMP. O estudo traz uma análise computacional muito bem estruturada sobre o problema da aprendizagem de categorias de palavras durante o processo de aquisição, segundo um modelo baseado em *Redington et al. (1998)*. Os autores trabalham com dados retirados da base *CHILDES*, e demonstram, ainda com resultados parciais, como a análise estatística dos contextos em que as palavras ocorrem pode ser usada para classificar essas palavras em classes sintáticas e quais são os contextos distribucionais mais informativos.

Os estudos de gêmeos perfazem uma área tradicional na psicologia do desenvolvimento, mas ainda bastante rara na Linguística. A literatura reporta que durante o desenvolvimento da linguagem em gêmeos, há atrasos em marcos linguísticos importantes quando comparados aos de crianças nascidas pré-termo não gêmeas. *O desenvolvimento silábico do português por crianças gêmeas: o sistema fonológico como um sistema complexo*, por Maria de Fátima de Almeida Baia, Vanessa Cordeiro de Souza Mattos e Jéssica Caroline Sousa Aguiar da UESB, é um estudo de caso longitudinal que investiga o desenvolvimento da estrutura silábica de gêmeas dizigóticas, cujas produções silábicas apresentam variabilidade. O interessante é que esse estudo apresenta uma dissidência em relação à literatura, já que nos resultados, as gêmeas estudadas não apresentaram o tão relatado atraso fonológico.

Um dos assuntos mais fascinantes e mais estudados em relação ao desenvolvimento de linguagem é a interdependência entre ele e Teoria da Mente, a capacidade de atribuir estados mentais a si mesmo e aos outros. A princípio essa interrelação é lógica, porque a Teoria da Mente envolve argumentos sentenciais de verbos epistêmicos e esses não estão presentes na fala infantil logo no início da aquisição de linguagem.

Assim, a pesquisa sobre o desenvolvimento de uma Teoria da Mente na infância geralmente indica uma sequência de dois estágios de compreensão do desejo e compreensão da crença na idade

pré-escolar. Um é a crença falsa de primeira ordem: a percepção de que é possível nutrir crenças falsas sobre eventos no mundo. O outro é a crença falsa de segunda ordem: a percepção de que é possível nutrir uma crença falsa sobre a crença de outra pessoa. *Linguagem e teoria da mente de segunda ordem: investigando estados mentais e cognição social* por Thuany Figueiredo (UNICAMP) é um artigo que revisa de forma elegante e com bom suporte da Teoria Linguística a pesquisa direcionada à crença falsa de segunda ordem e a outras formas de raciocínio mentalista recursivo de ordem superior. Contribui com um experimento aplicado em crianças de 4 a 7 anos, que conseguiu discriminar com clareza o estado mental de ignorância de segunda ordem do estado mental de crença falsa de segunda ordem.

O último artigo do volume é *Comparação entre o peso da iconicidade na leitura orofacial por surdos adquirindo Libras e ouvintes durante a fase de pré-alfabetização*, desenvolvido por Emily Silvano, Kate Bárbara Mendonça e também por mim. Tratamos de um fenômeno já bastante observado e relatado que é a possibilidade de que as crianças, na fase pré-alfabetização, antes de receber instrução explícita sobre a relação grafema-fonema, use recursos cognitivos bem gerais para solucionar o problema do sistema de regras da escrita, lançando mão de um expediente de todo dia: a correspondência icônica. A relação de iconicidade estabelece que algum aspecto da forma ou tamanho do objeto se assemelha com algum aspecto da sua representação. Muitas crianças entretém essa hipótese em uma fase da observação do mundo, por exemplo, supondo que uma palavra pequena deva representar um objeto pequeno, assim como uma palavra grande deve representar um objeto grande.

Aconteceria esse fenômeno também com os indivíduos surdos? Eles são um caso especial já que, concomitantemente à alfabetização, muitas vezes ainda estão adquirindo a própria L1, LIBRAS, que geralmente demora a ser apresentada aos indivíduos. Perguntamos assim, se no caso dos surdos, que usam uma língua de sinais reconhecidamente mais icônica, as estratégias default de pareamento simbólico que são envolvidas na escrita tenderiam ser ainda mais icônicas do que as de ouvintes. Um experimento foi elaborado a fim de verificar se fatores icônicos como a semelhança entre gesto orofacial e a forma visual dos grafemas pesariam mais significativamente no pareamento do que fatores arbitrários.

Terminamos o volume com as publicações especiais: resenha crítica e squib. *Sobre uma tentativa de estudar as relações entre bilinguismo precoce e reconhecimento de faces* por Isadora Rodrigues de Andrade (UFRJ/FAPERJ) é uma resenha crítica bem cuidada ao artigo de Kandel *et al.* (2016) que trata da fascinante relação entre processamento facial e o processamento de bilinguismo precoce.

Aproveito para agradecer à Isadora por ter atuado nesse volume também como assistente de edição.

Preste atenção às Funções Executivas na pesquisa em aquisição de linguagem: o engajamento de participantes infantis depende delas, em que figuro como co-autora de Mayara de Sá Pinto (UFRJ), é o único texto desse volume sobre metodologia de pesquisa em aquisição e linguagem. Nesse squib, ênfase é dada aos conhecimentos recentes da neurociência sobre as funções executivas e sobre a relevância de se assegurar engajamento dos participantes infantis aos testes de aquisição.

REFERÊNCIAS

- GLEITMAN, L. R.; CASSIDY, K.; NAPPA, R.; PAPAFRAGOU, A.; TRUESWELL, J. Hard words. *Language Learning and Development*, 1, p.23–64, 2005.
- REDINGTON, M., CHATER, N., FINCH, S. Distributional information: A powerful cue for acquiring syntactic categories. *Cognitive science*, 22(4), p.425-469, 1998.
- SHI, R.; WERKER, F.; CUTLER, A. Recognition and representation of function words in English-learning infants, *Infancy*, 10, p.187–198, 2006a.
- SHI, R.; MARQUIS, A.; GAUTHIER, B. Segmentation and representation of function words in preverbal French-learning infants. In: BAMMAN, D.; MAGNITSKAIA, T.; ZALLER, C. (eds) *Proceedings of the 30th Annual Boston University Conference on Language Development*, 2006b, p. 549–560.
- SHI, R.; MORGAN, L.; ALLOPENNA, P. Phonological and acoustic bases for earliest grammatical category assignment: A cross-linguistic perspective,” *J. Child Lang.* 25, p.169–201, 1998.
- SHI, R.; CUTLER, A.; WERKER, J.; CRUICKSHANK, M. Frequency and form as determinants of functor sensitivity in English-acquiring infants. *J. Acoust. Soc. Am.* 119, EL61–EL66, 2006c.
- SHI, R.; LEPAGE, M. The effect of functional morphemes on word segmentation in preverbal infants. *Dev Sci.*, May, 11(3), p. 407-13, 2008. Doi: 10.1111/j.1467-7687.2008.00685.x.
- VERKUYL, H. J. Aspectual composition: surveying the ingredients. In: VERKUYL, H. J.; DE SWART, H.; VAN HOUT, A. *Perspectives on Aspect*. Dordrecht: Springer, 2005. p. 19-39.